

OS PERIGOS DO AMOR¹João Wanderley Geraldi²

Nenhuma palavra é dada ao artista de forma linguisticamente virgem: ela está prenhe de todas as situações cotidianas e de todos os contextos poéticos em que ela foi encontrada.

(Valentin Nikolaevich Volochínov)

Resumo

Este texto traz uma reflexão acerca dos perigos do amor, em âmbitos como a arte, a ciência, a vida, a religião e a sua moral. No amor à arte trazemos o perigo do nos apegarmos às formas e esquecermos que o trabalho estético com a língua é sempre aquele que responsabilmente assume seu dizer. Na ciência esbarramos com a grande fábula da modernidade que é a crença na razão pura, desligada do corpo, dos afetos, dos desejos, das crenças, das experiências práticas vitais. Na vida, na religião e em sua moral os perigos se encontram na exclusão do diálogo com aqueles que pensam e agem de forma distinta afirmando que o outro somente tem direito de existência se for um espelho de mim mesmo. Porém, a amorização proposta pelos autores do Círculo de Bakhtin é um processo de um contínuo dar-se aos outros para se fazer único e irrepetível, apondo nossa assinatura responsável na estética, na ciência e na ética. No mundo da vida, onde as relações se constituem, a amorização nos abre para o além de nós próprios, para o imprevisível, para o futuro que se constrói passo a passo na ressignificação do passado.

Palavras-chave: Amorização, estética, linguagem

Abstract

This text brings a reflection about the danger of love, in areas such as art, science, life, religion and its morality. In the love of art bring the danger of us hold onto the forms and forget that aesthetic work with language is always the one that assumes responsibly its speech. In science we ran with the great fable of modernity that is the belief in pure reason, off of the body, of the emotions, desires, beliefs, practices vital experiences. In life, in religion and in its moral, dangers are in the exclusion of the dialogue with those who think and act differently stating that the other's right to exist only if it is a mirror of myself. However, the amorização proposal by the authors of the Bakhtin Circle is a continuous process to give to others to make unique and unrepeatable, with our responsible signature in aesthetics, science and ethics. In the world of life, where the relationships are constitute, the amorização open us beyond ourselves, to the unexpected, to the future which builds step-by-step on ressignification of the past.

Keywords: Amorização, aesthetics, language

1 Texto de exposição em mesa-redonda do III EEBA (Encontro de Estudos Bakhtinianos). Niterói, 16.11.15.

2 Professor titular da Unicamp, aposentado. jwgeraldi@yahoo.com.br

Os autores do Círculo de Bakhtin debruçaram-se sobre o fazer estético e deixaram-nos uma herança significativa: em todos os seus textos há uma preocupação em demonstrar que a atividade estética não se realiza fora das relações mantidas pelos homens dentro de sua organização social. Medvedev, Volochínov e Bakhtin defendem sempre uma base sociológica para a estética, que fundamentam na materialidade da linguagem, em seu sentido amplo verbal e não verbal, que concebem como atividade constitutiva de si própria e da consciência humana e que por isso permeia todos os processos em que nos envolvemos, já que somos ‘condenados’ a significar e a atribuir significado, o que fazemos sempre, pondo-a em funcionamento.

Esta atividade constitutiva em que a linguagem se elabora não é originalmente individual: ela emerge na relação entre sujeitos, e nesta relação uma consciência se forma com outra consciência. Em outras palavras, nem linguagem nem consciência existem sem que os processos da interação social as constituam. Por isso, tudo o que internalizamos vem marcado por este emaranhado social em que nos fazemos o que somos, e fazemos a linguagem existir. “A linguagem não aparece na sociedade humana por ação do sobrenatural, nem como “invenção” consciente e meditada” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 134).

Se em alguns momentos entramos em solilóquios, estes trazem a presença ausente do outro no material com que pensamos. Se o trabalho do autor é aparentemente solitário, sozinho diante de um teclado e um écran, ou de uma página em branco, o que escrever sempre vem marcado pela historicidade do material com que elabora sua obra.

Os perigos do amor à arte

“Lutamos com as palavras”, disse o poeta maior Carlos Drummond de Andrade. Isto porque é impossível dizer sem a palavra já marcada. O desejo de um dizer outro, nos primórdios da “aparição em cena de um novo grupo social” que pretenda fazer ouvir sua voz, implica neste trabalho com as palavras carregadas pelo cotidiano da hegemonia que um novo modo de pensar e ser pretende suplantar. Não fosse esta carga assim pesada, seriam incompreensíveis os esforços do poeta “escavando as palavras a contrapelo” para que signifiquem para além de sua superfície:

Limpa-palavras³

Álvaro de Magalhães

Limpo palavras.*Recolho-as à noite, por todo o lado:**a palavra bosque, a palavra casa, a palavra flor.**Trato delas durante o dia**enquanto sonho acordado.**A palavra solidão faz-me companhia.****Quase todas as palavras******precisam de ser limpas e acariciadas:****a palavra céu, a palavra nuvem, a palavra mar.****Algumas têm mesmo de ser lavadas,******é preciso raspar-lhes a sujidade dos dias******e do mau uso****Muitas chegam doentes,**outras simplesmente **gastas, estafadas,******dobradas pelo peso das coisas******que trazem às costas.****[...]*

Trabalho totalmente distinto é aquele da higienização da palavra, para que se descomprometa a voz que a profere, de modo que somente apareça a forma, zerada de sentidos e compromissos. Volochínov (2013, p.133) , apresenta-nos dois exemplos da literatura russa czarista, em que os escritores pretendiam criar uma nova língua:

Nemoticheilosenenichei
Chama viskuiuschisuschel
E com novo rumos de espadas
Lhe responderábuduschel

E ainda

3 Excerto extraído do trabalho de Cláudia Roberta Ferreira apresentado para exame de qualificação para obtenção do título de doutora em educação, na Faculdade de Educação da Unicamp, 2011.

Goosniegkaid
Mrbatulba
Sinuauksel
Ver tumdach

Guiz.

Diz o autor:

Para evitar que o escritor tenha a sorte desses poetas, para evitar que entrem para a história como anedota, e para que ocupe um lugar sério e digno, é necessário que compreenda *que é a linguagem*, este material tão característico e particular da criatividade artística. (grifos do autor)

E eis que encontramos o primeiro perigo do amor: o amor às formas na expressão estética, que querendo fugir do que é “seu momento organizador fundamental”, a avaliação social que implica a compreensão cuja produção somente é possível se as formas estiverem associadas a seus valores; um amor à forma leva ao formalismo, ao hermetismo, ao descompromisso.

A inspiração que ignora a vida e é ela mesma ignorada pela vida não é inspiração mas obsessão. O sentido correto e não o falso de todas as questões antigas, relativas à inter-relação de arte e vida, à arte pura, etc, é o seu verdadeiro patos apenas no sentido de que arte e vida desejam facilitar mutuamente a sua tarefa, eximir-se da sua responsabilidade, pois é mais fácil criar sem responder pela vida e mais fácil viver sem contar com a arte (BAKHTIN, 2003, p. XXXIV).

O trabalho estético com a língua é sempre aquele que responsabilmente assume seu dizer, mas diferentemente dos demais discursos, é fruto de uma diferenciação e especificação do material linguístico.

Por isso, como diz o poeta

*Passarinho parou de cantar.
Essa é apenas uma informação.
Passarinho desapareceu de cantar.
Esse é um verso de J. G. Rosa.
Desapareceu de cantar é uma graça verbal.
Poesia é uma graça verbal.*

(Manoel de Barros, *Tributo a J. G. Rosa*)

São as graças verbais do trabalho de seleção e composição estética que fazem o leitor estancar a linearidade do texto para rever, reolhar, entreolhar, transver os diferentes *links* de sentidos postos em circulação e que tornam bem mais complexas as compreensões do aparentemente simples. Um texto que incomoda por suas diferenciações e especificações, não acomoda.

Como ensinou Barthes (1997, p. 49-50)

Texto de prazer – aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura; texto de fruição – aquele que coloca em situação de perda, aquele que desconforta, faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consistência dos seus gostos, dos seus valores e das suas recordações, faz entrar em crise a sua relação com a linguagem.

Os perigos do amor à ciência

Também na atividade humana da cognição corremos os perigos do amor descompromissado. A ciência a que estamos acostumados, chamada moderna, caracterizou-se por três grandes princípios: universalidade, objetividade e preditibilidade, excluindo de seu mundo o sujeito, o tempo e o espaço. Esquecendo suas próprias origens, já que

A ciência não brotou de um homem, nem foi o produto da concepção imaculada de um método abstrato e universal, senão uma criação híbrida, plural e multifacética, engendrada por uma comunidade na qual conviveram e se fertilizaram mutuamente religiosos e magos, artesãos e filósofos, engenheiros e comerciantes, matemáticos e experimentadores, aristotélicos e neoplatônicos, místicos e racionalistas, numa verdadeira orgia de pensamento-ação-percepção-criação (NAJMANOVICH, 2003).

Para alcançar um tempo zero, um espaço zero e um sujeito zero, o grande calcanhar de Aquiles da ciência sempre foi a questão metodológica. Era preciso inventar um método capaz de construir o sujeito neutro, sem história [ele e seu objeto de estudo], e sem lugar [se não aquele do laboratório que não deveria influenciar em suas observações, descrições e análises, ainda que saibamos todos que os instrumentos de um e outro laboratório serão fartamente responsáveis pelas descobertas imaginadas neutras e objetivas].

Como sabemos, nem a razão, nem a observação, são invenções da modernidade: as observações astronômicas começaram com os sumérios. A grande fábula da modernidade é a crença na razão pura, desligada do corpo, dos afetos, dos desejos, das crenças, das experiências práticas vitais. Foi o recurso ao método que permitiu a instauração desta razão pura.

Um método é um conjunto de princípios de descoberta que, seguidos com rigor, levam a descobertas pré vislumbradas desde o projeto de pesquisa. Descartes expôs um método, e desde então, qualquer afirmação se sustenta mais no método de descoberta do que na sua relação com o mundo, com o real, que supostamente funcionaria como o “*tertius comparacionis*” de todo dizer científico.

Em verdade, a relação do pesquisador não se dá diretamente com as “coisas”, mas com seus Outros. Entre estes, quando se trata de ciências humanas, obviamente há os sujeitos de sua própria pesquisa, para quem os resultados chegarão apenas na forma de tecnologias que venham a ser “inventadas” a partir das descobertas. Mas há os sujeitos que sobredeterminam a sua prática – os outros cientistas – e que lhe cobrarão a “metodologia”, a explicitação do método empregado para chegar aos resultados obtidos. No entanto, Leibniz já havia dito que Descartes, seguindo seu método, descobriu coisas interessantes, mas se outro pesquisador seguir as mesmas regras somente descobrirá o que Descartes já descobrira: será preciso, para fazer descobertas surpreendentes, desobedecer ao método metodicamente porque outros são os objetos sobre os quais se debruça o pesquisador.

Ora, a sobredeterminação metódica seguida à risca somente permitirá que se diga o dizível, o previsível.

A natureza teórica do conhecimento científico decorre dos pressupostos epistemológicos e das regras metodológicas [...]. É um conhecimento causal que aspira à formulação de leis, à luz de regularidades observadas, com vista a prever o comportamento futuro dos fenômenos. A descoberta das leis da natureza assenta, por um lado, [...], no isolamento das condições iniciais relevantes [...] e por outro lado no pressuposto de que o resultado se produzirá independentemente do lugar e do tempo em que se realizarem as condições iniciais. Por outras palavras, a descoberta das leis da natureza assenta no princípio de que a posição absoluta e o tempo absoluto nunca são condições iniciais relevantes. (SANTOS, 1987, p. 16).

Excluir os sujeitos e beneficiar a descrição, abandonando qualquer tentativa de compreensão, que implicaria no compromisso dos sujeitos aponto suas assinaturas às

elaborações que constroí, foi justificada no “amor à verdade”, no “amor à ciência”. Isto produziu como resultado uma ciência descompromissada, seus produtos ideologicamente apresentados como verdade irrefutável.

Na área das ciências humanas, a perspectiva moderna de ciência acaba tolhendo as compreensões elaboradas, remetendo-as à filosofia como forma de exclusão do seu dizer da esfera científica.

Em que medida é possível descobrir e comentar o **sentido** (da imagem ou do símbolo?) Só mediante outro sentido (isomorfo), do símbolo ou da imagem? É impossível dissolver o sentido em conceitos. O papel do comentário. Pode haver uma racionalização **relativa** do sentido (a análise científica habitual), ou um aprofundamento do sentido com o auxílio de outros sentidos (a interpretação artístico-filosófica). O aprofundamento mediante ampliação do contexto distante.

A interpretação das estruturas simbólicas tem de entranhar-se na infinitude dos sentidos simbólicos, razão por que não pode vir a ser científica na acepção de índole científica das ciências exatas.

A interpretação dos sentidos não pode ser científica, mas é profundamente cognitiva. Pode servir diretamente à prática vinculada às coisas.

“Cumpra reconhecer a simbologia não como forma não científica mas como forma **heterocientífica** do saber, dotada de suas próprias leis e critérios internos de exatidão” (Aviérintsiev) (BAKHTIN, 2003, p. 399).

O aprofundamento do empreendimento interpretativo resulta da *ampliação do contexto*, fazendo emergirem mais vozes do que aquelas que são evidentes na superfície discursiva. Não para enxergar nestas vozes a fonte do dizer, mas para fazer dialogarem diferentes textos, diferentes vozes. O múltiplo como necessário à compreensão do enunciado, em si único e irrepetível. A unicidade se deixa penetrar pela multiplicidade. Cotejar textos (caminho metodológico percorrido constantemente pelos membros do Círculo de Bakhtin) é a única forma de desvendar os sentidos. É impossível esgotar os sentidos já que “o objeto das ciências humanas é o ser *expressivo e falante*” (idem, p. 395 – grifos do autor).

A este segundo perigo do amor a que nos convida a ciência moderna, supostamente aquela que diz verdades, responde o poeta

Fiat umbra! Brotóel pensar humano

Entiéndase: el pensar homogenizador – no el poético, que es yapensamiento divino -; el pensar del mero bípedo racional, el que ni por casualidad puede coincidir con la pura heterogeneidad del ser; el pensar que necesita de la nada para pensar lo que es, porque, en realidad, lo piensa como no siendo (MACHADO, 2009, p. 693).

Os perigos do amor à vida, à religião e a sua moral

Em Bethencourt (2000, p. 219), reencontramos o humor cáustico de Voltaire, autor proibido pela Inquisição, que em *Cândido, ou o Otimista*, oferece-nos, na ficção, uma descrição de um auto da fé possível:

Depois do terremoto que destruiu três quartos de Lisboa, os sábios do país não encontraram meio mais eficaz para prevenir uma ruína total do que dar ao povo um auto da fé, Foi decidido pela Universidade de Coimbra que o espetáculo de algumas pessoas queimadas lentamente em grande cerimônia era um segredo infalível para impedir a terra de tremer.

Por conseguinte, detiveram um biscainho acusado de ter desposado a comadre e dois portugueses que tinham retirado a gordura do frango antes de o comer. Depois do jantar vieram prender o dr.Pangloss e o seu discípulo Cândido, um por te falado, o outro por tê-lo escutado com ar de aprovação. Os dois foram levados em separado para aposentos extremamente frescos, nos quais nunca se era incomodado pelo sol. Oito dias depois foram os dois vestidos com um sambenito e as suas cabeças enfeitadas com mitras de papel: a mitra e o sambenito de Cândido estavam pintados com chamas invertidas e diabos que não tinham caudas nem garras; mas os diabos de Pangloss tinham garras e caudas e as chamas estavam direitas. Levaram-nos em procissão assim vestidos e fizeram-nos ouvir um sermão patético, seguido de uma bela música em fabordão. Cândido foi açoitado com golpes cadenciados, enquanto se cantava; o biscainho e os dois portugueses que não queriam comer gordura foram queimados, enquanto Pangloss, contrariamente aos usos da cerimônia, foi enforcado. Nesse mesmo dia a terra tremeu de novo com uma força medonha.

Não fora o humor de Voltaire, não precisaríamos ir tão distante na história para encontrar exemplos dos perigos deste amor à religião, à sua moral, exigidos na forma de fé inquebrantável.

Na política brasileira contemporânea podemos detectar como este inquebrantável amor e fidelidade à religião quando uma comissão de deputados define que família é a união de uma mulher (vagina) e um homem (pênis) e sua prole (excluindo do conceito legal de família casais sem filhos e até mesmo uma viúva com seus filhos, pela ausência do membro masculino, quando o querem mesmo é excluir qualquer outro vínculo entre as pessoas). Ou ainda de forma mais explícita, o projeto de lei assinado por Eduardo Cunha, da bancada da Bíblia e presidente da Câmara dos Deputados, que proíbe o acesso da

mulher estuprada ao aborto, exceto se o estupro for comprovado por documentação de uma delegacia de polícia!

Este amor cego, que levou a autos da fé; que pretende impor uma 'normalidade' às relações amorosas; que fanatiza e anatematiza qualquer comportamento que não segue suas compreensões do que deveria ser a vida; que exclui e abomina as diferenças, este amor fiel e acrítico assume proporções inquisitoriais quando deflagra suas bandeiras, no caso brasileiro contemporâneo, aquelas do conservadorismo social. Este o perigo do amor fanático da fé: porque exclui o diálogo com aqueles que pensam e agem de forma distinta. O outro somente tem direito de existência se for um espelho de mim mesmo.

Os amores egoístas que se revelam tanto de forma coletiva (como aquele que acabamos de exemplificar) quanto de forma individual, conduzem ao individualismo, à centralidade do eu em prejuízo do outro, ao apagamento da alteridade para impor o reinado do uno e do idêntico. No mundo ético, este é o grande perigo do amor à vida, e não do amor às vidas distintas que levam a diferenças enriquecedoras da experiência humana.

A este amor que nos propõe o sistema em que vivemos devemos recusar junto com o poeta, mas é preciso também recusar o amor imaterializado que nos propõe:

Falas de amor, e eu ouço tudo e calo!
O amor na humanidade é uma mentira.
É. E é por isso que na minha lira
De amores fúteis poucas vezes falo.

O amor! Quando virei por fim a amá-lo?!
Quando, se o amor que a Humanidade inspira
É o amor do sibarita e da hetaira,
De Messalina e de Sardanapalo?!

Pois é mister que, para o amor sagrado,
O mundo fique imaterilizado
- Alavanca desviada do seu fulcro –

E haja só amizade verdadeira
Duma caveira para outa caveira,
Do meu sepulcro para o teu sepulcro?!

Nossa dupla recusa deve apontar para as possibilidades positivas do amor encarnado e partilhado, não apenas entra duas pessoas, porque quando este efetivamente

emerge, a beleza do amor deveria nos levar à amorização da vida. A amorização é um processo de um contínuo dar-se aos outros para se fazer único e irrepetível, apondo nossa assinatura responsável na estética, na ciência e na ética. No mundo da vida, onde as relações se constituem, a amorização nos abre para o além de nós próprios, para o imprevisível, para o futuro que se constroi passo a passo na ressignificação do passado. Penso que este é o convite que nos faz o pensamento ético de Mikhail Bakhtin: da responsabilidade diante do não álibi para a existência. No contexto em que vivemos hoje, vale voltar a outro poeta que nos pergunta insistentemente sobre o que seremos no futuro quando formos já o passado:

I

Cúmplices da comoção moderna,
galhofamos no teatro e no cinema
ante o III Reich.

Galhofamos do desencontro
entre o discurso e a realidade.

(Mas a perda do sincrônico
se dá por nossa memória
ou pelo
dedo de Chaplin.

Ao tempo real, eram ambos coerentes:
discurso e realidade).

[...]

III

Agora, amadureço a questão:
Nós, prontamente solidários com a memória
(compromisso sem perigos)
e o desespero irreparável dos mortos,
se, àquele tempo presentes e vivos,
como veríamos o III Reich?

[...]

V

Que em nós o tempo é o mais humano,
e hoje de homem não temos senão o tempo ganho,
fração de tempo maior
que a vagar se compõe tão árduo.

Por isso pergunto:
em todos os tribunais passados,
que lado ocuparíamos?
pois que somos mas não somos ante o tempo
e também seus acidentes
históricos e geográficos,
as estações, a carência e os meses?

Se ainda fosse abril,
o que faríamos, sendo em tempo do III Reich?

VI
E agora que estimamos
a incerteza
ante o III Reich

agora que estimamos
menos perigosa
a participação da memória

e muito menos eficaz;
pergunto: tu, ante o presente,
como te defines ao que será passado?
[...]

(José Carlos Capinan. Inquisitorial)

Referências

- ANJOS, A. **Eu**. 31.ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1971.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARROS, M. **Tratado geral das grandezas do ínfimo**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- BARTHES, R. **O prazer do texto**. Lisboa: Edições 70, 1997.
- BETHENCOURT, F. História das inquisições. **Portugal, Espanha e Itália. Séculos XV-XIX**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- CAPINAM, J. C. **Inquisitorial**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- MACHADO, A. "Abel Martín". **Obras Completas**, vol I, Barcelona: Instituto Cervantes, 2009, p. 670-694
- NAJMANOVICH, D. "O feitiço do método". In: Regina Leite Garcia (org) **Método Métodos Contramétodo**. São Paulo: Cortez, 2003, p. 25-62
- SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 1987.
- VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.